

Instituto Socioambiental

fonte: A Britica class.: Sateré - Maué 246
 data: 18/09/94 pg.: A6

Índios vivem esquecidos no município de Maués

Os índios sateré-mawé, no município de Maués, a 267 em linha reta de Manaus, estão enfrentando dificuldades para sobreviver na Casa do Índio daquele local, sem nenhuma condição para manter os doentes, pois não há sequer uma cozinha para o preparo da alimentação. A conclusão é da professora universitária e pesquisadora do Centro de Aperfeiçoamento de Ensino Superior (Capes), Alba Figueroa, que realiza estudos sobre a cultura e saúde dos sateré, cuja população em todo o estado é de cerca de 6.800 índios.

Segundo a professora, os índios da tribo sateré que vivem nos rios marau, miriti, urupadi e manjuru, no município de Maués, são vítimas da indefinição do País no que se refere a assistência à saúde. "A Casa do Índio daquele local é extremamente precária, sem condições materiais, obrigando os índios a cozinhar sua alimentação em fogareiro", relata a professora. Embora a alimentação e os medicamentos sejam dados pela Fundação Nacional de Saúde (FNS), as demais necessidades dos doentes não são atendidas. "A casa só tem fachada e teto, sem o conforto mínimo essencial", lamenta Alba, para revelar que os índios só têm os postes para amarrar as redes. Os sateré-mawé são servidos por uma torneira d'água no terreiro da casa e improvisam em tudo para viver. "Atrás da fachada usada e esquecida a cada eleição pelos políticos, falta tudo", diz.

Alba relata que ano passado, 1993, eles receberam a doação de um terreno da Prefeitura de Maués e junto à Fundação Nacional de Saúde e Administração Regional do Amazonas da Funai obtiveram a elaboração e aprovação de um projeto de construção que seria realizado no decorrer deste ano. Nada aconteceu. "Como parte de um projeto de saúde desenvolvido pela Ameríndia Cooperarió, uma organização não-governamental catalana, eles conseguiram a promessa de doação por parte do governo espanhol de 500

Para iludir mais ainda os saterés, o Governo espanhol prometeu verba que não chega

mil pissetas, equivalente a US\$ 4.000, visando financiar o projeto elaborado pela Fundação Nacional de Saúde", conta a professora, para lamentar, entretanto, que na III Reunião da Comissão Intersetorial de Saúde Indígena da área Sateré-Mawé na região do Marau, realizada no último dia 28 de

agosto, o enfermeiro Esron Soares de Carvalho comunicou a decisão da FNS em suspender a construção da casa. Ele o fez baseado na informação de que o Decreto Presidencial nº 1.147, de 19 de maio de 1994, devolveu a responsabilidade pela saúde indígena à Funai.

Os índios Samuel Lopes e sua mulher, que são os responsáveis pela preparação do alimento na casa, vivem fazendo reivindicações junto à FNS, Funai e Prefeitura de Maués solicitando ajuda financeira para manter a Casa do Índio. "Eles perguntam até quando vão viver cozinhando no sol e vivendo sem dignidade", afirma a professora.